

**TRAVESSIA EPISTÊMICA: O DIGITAL E TRANSFORMAÇÕES NO OFÍCIO DO HISTORIADOR (DA EDUCAÇÃO)**

EPISTEMIC PASSAGE: THE DIGITAL AGE AND TRANSFORMATIONS IN THE CRAFT OF (EDUCATIONAL) HISTORIAN

PASAJE EPISTÉMICO: LA ERA DIGITAL Y LAS TRANSFORMACIONES DEL OFICIO DE HISTORIADOR (DE LA EDUCACIÓN)

Olivia Morais de Medeiros Neta<sup>1</sup> 0000-0002-4217-2914

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; olivianeta@gmail.com

**RESUMO:**

Palestra proferida no dia 6 de outubro de 2020, em formato online no Fórum de debates e seminários do GHENO - Grupo de Pesquisa história da educação no Nordeste, da Universidade Federal da Paraíba com o objetivo de refletir sobre transformações do ofício do historiador em um contexto de mudanças e desafios da era digital no que concerne à prática de pesquisa e escrita no campo da história (da educação).

**Palavras-chave:** história da educação; história digital; acervos digitais; fontes digitais; travessia epistêmica.

**ABSTRACT:**

Lecture delivered on 6 October 2020, in online format at the Forum of debates and seminars of GHENO - Research Group History of Education in the Northeast, at the Federal University of Paraíba with the aim of reflecting on transformations of the historian's craft in a context of changes and challenges of the digital era regarding the practice of research and writing in the field of history (of education).

**Keywords:** history of education; digital history; digital collections; digital sources; epistemic passage.

**RESUMEN:**

Conferencia pronunciada el 6 de octubre de 2020, en formato online en el Foro de debates y seminarios del GHENO - Grupo de Investigación Historia de la Educación en el Nordeste, en la Universidad Federal de Paraíba con el objetivo de reflexionar sobre las transformaciones del oficio del historiador en un contexto de cambios y desafíos de la era digital en relación con la práctica de la investigación y la escritura en el campo de la historia (de la educación).

**Palabras clave:** historia de la educación; historia digital; colecciones digitales; fuentes digitales; pasaje epistémico.

## Introdução

É um prazer dialogar neste Grupo de Pesquisa sobre um tema que é muito importante para a profissão do historiador: a pesquisa histórica (em educação). Ser um historiador ou

historiadora (da educação) significa entender que estamos constantemente em um ofício de travessia, em constante transformação.

Neste sentido, é mister refletirmos sobre as mudanças que estão ocorrendo na forma como produzimos e consumimos o conhecimento histórico, e como essas mudanças afetam o nosso ofício. Uma das grandes transformações que estamos vivenciando é a chamada "travessia epistêmica", que se refere à necessidade de repensarmos as nossas práticas de pesquisa e escrita histórica diante das novas possibilidades e desafios trazidos pelas tecnologias digitais à pesquisa histórica.

A pandemia do Sars-COV-2<sup>1</sup> me fez repensar a minha atitude como historiadora da educação, ao tempo em que e produzi novas inquietações de âmbito teórico-epistêmico que afetam profundamente o nosso ofício. Ao repensarmos a nossa atitude historiadora e nos questionarmos sobre as implicações dessas mudanças no nosso ofício, estamos diante de novas inquietações de âmbito teórico-epistêmico que afetam profundamente a pesquisa histórica. Estas são reflexões sobre como produzimos conhecimento, de que forma acessamos e interpretamos as fontes,<sup>2</sup> e como divulgamos as nossas pesquisas se tornam ainda mais relevantes e urgentes.

Nesta perspectiva, o objetivo deste diálogo é refletir sobre transformações do ofício do historiador em um contexto de mudanças e desafios da era digital no que concerne à prática de pesquisa e escrita no campo da história (da educação). Por tal, defendemos que vivenciamos uma travessia epistêmica no fazer história.

## **O ofício do historiador em tempos de travessia: implicações e possibilidades da Era Digital para a História da Educação**

Marc Bloch (2001) definiu a história como a ciência dos homens no tempo e no espaço, sendo um conhecimento socialmente localizado. Assim, a pesquisa a partir de fontes e acervos digitais é uma questão presente na oficina do historiador da educação.

---

<sup>1</sup> O SARS-CoV-2 é um tipo de vírus que causa a doença infecciosa conhecida como COVID-19. Para mais informações ver: <https://news.un.org/pt/events/coronavirus>

<sup>2</sup> Para Barros (2012, p. 130), as “são fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o Presente do historiador. Incluem-se como possibilidades documentais desde os vestígios arqueológicos e outras fontes de cultura material (a arquitetura de um prédio, uma igreja, as ruas de uma cidade, monumentos, cerâmicas, utensílios da vida cotidiana) até representações pictóricas e fontes da cultura oral (testemunhos colhidos ou provocados pelo historiador).”

A história da educação, nosso foco de análise neste caso, é um campo de pesquisa e possui estatuto disciplinar, ambos ligados a uma base epistêmica que envolve o próprio conceito de história em uma perspectiva interdisciplinar.

Neste sentido, é importante questionarmos como escrever história em um contexto que muitas vezes nos limita a ter um contato mais próximo com as fontes. Lucien Febvre,<sup>3</sup> vinculado a chamada Escola dos *Annales*, definiu a escrita da história como a transformação das habilidades em escrita com qualquer vestígio dos homens no tempo. Essa definição é pertinente para o nosso contexto atual e nos desafia a sermos mais criativos em nossa pesquisa.

Portanto, como historiadores, precisamos estar atentos às implicações e possibilidades da era digital em nosso ofício e nos adaptarmos a essas mudanças para continuarmos produzindo conhecimento de qualidade e relevante.

Michel de Certeau (1982) traz outras reflexões importantes para pensarmos sobre nossa prática e ofício na escrita da história. Ele destaca a relação entre o lugar de fala, a prática e a escrita. Mas como isso se relaciona com o conceito de história e a história da educação na Era Digital?

Vivemos na Era Digital e isso nos faz questionar: como escrever história neste contexto? Historiadores da educação já possuem prática na exploração de acervos digitais, mas muitas vezes não pensam sobre como as fontes digitais<sup>4</sup> impactam seu trabalho.

Questões como estas são importantes para nós, historiadores e historiadoras da educação, que trabalhamos com fontes digitais e que enfrentamos novos desafios e possibilidades na Era

---

<sup>3</sup> No livro “Combates pela história”, Febvre (1985) destaca que: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entajuda que supre a ausência do documento escrito?”

<sup>4</sup> Acerca das fontes digitais, ver Eiroa (2018, p. 94). A autora enfatiza que as fontes para a historiografia não são mais apenas objetos materiais e discursos que vêm da criatividade humana, mas também objetos virtuais de origem variada. E mais, “na contemporaneidade, única etapa em que são geradas fontes digitais, é necessário abordá-las com uma consciência histórica crítica, que é questionada sobre sua natureza, origem, processo produtivo, o tipo de informação que exibem, autoria ou autoria — em um ambiente onde a colaboração e modificação do documento é comum — bem como os efeitos sobre o conhecimento histórico. Para entender como são criados, reforçados ou transformados, devemos contemplar tanto o processo digital que os media quanto o contexto sociopolítico, pois ambos deixam uma visão específica dos acontecimentos.” (EIROA, 2018, p. 94).

Digital. Pois, precisamos pensar sobre como a tecnologia tem transformado a nossa prática e o nosso ofício, e como podemos utilizar essas ferramentas de forma crítica e reflexiva.

A história da educação e a história digital<sup>5</sup> são afetadas por essa natureza epistêmica em crise, que nos faz questionar como utilizar as fontes digitais para a escrita da história e como acessá-las da forma adequada. Sendo o design de produção e disponibilização dessas fontes na internet um ponto importante a ser considerado.

Além disso, a história digital é uma área em crescimento e que tem sido cada vez mais explorada pelos historiadores. Ela pode ser entendida tanto como uma teoria que busca compreender as implicações da tecnologia digital na produção do conhecimento histórico, quanto como um método que utiliza ferramentas digitais para a coleta, análise e apresentação de dados históricos. Essa nova abordagem pode trazer novas perspectivas para a pesquisa histórica, mas também levanta desafios e questões epistemológicas que precisam ser consideradas.

Em resumo, a Era Digital tem transformado a prática e o ofício do historiador da educação, e a história digital é uma área em expansão que traz novas possibilidades e desafios para a pesquisa histórica. É importante que os historiadores estejam atentos a essas mudanças e reflitam criticamente sobre o uso da tecnologia na produção do conhecimento histórico.

Podemos dizer que, assim como Certeau nos lembra, é preciso pensar esse ofício em travessia e questões epistemológicas a partir do lugar da fonte histórica. Nós, historiadores, estamos em um contexto de reterritorialização, em relações intergeracionais de crítica às fontes. Temos uma formação tradicional de análise, mas muitos historiadores da educação pensam o acesso de forma dinâmica, com outras ferramentas e formas de análise de dados. Esse conflito epistêmico é também um conflito de relações entre gerações de historiadores. O lugar das fontes e nossas práticas estão em transformação no ambiente digital, o que implica em uma rematerialização da fonte e uma nova prática histórica.

Nesse sentido, a Era Digital tem implicações profundas para o exercício do trabalho do historiador da educação. Como historiadores, já temos uma prática de explorar acervos digitais, mas muitas vezes não pensamos sobre como essas fontes digitais afetam a nossa prática e o nosso ofício.

---

<sup>5</sup> Para Noiret (2015, p. 43) é "a explosão das barreiras espaço - temporais e locais/globais na interpretação do passado, certamente caracteriza a história pública digital – digital public history – , que permite depurar experiências e memórias de coletividades e indivíduos no mundo inteiro". A discussão sobre a história digital vem ganhando espaço na teoria da história. Mais informações a partir de Noiret (2015), Salmi (2020) e Lucchesi, Silveira e Nicodemo (2020).

Precisamos refletir sobre questões como os metadados das fontes digitais, as formas de escrita a partir dessas fontes e como elas são produzidas e reproduzidas na internet, muitas vezes sem que saibamos quem as produziu. Neste sentido, é relevante considerar os metadados e as formas de produção dessas fontes, que são (re)produzidas e disseminadas na internet sem uma clara autoria. Essas questões levantam problemas epistemológicos para os historiadores, especialmente no que se refere às fontes digitais e sua análise.

Essas práticas representam um desafio epistemológico para a história, que afeta especialmente a heurística e o uso das fontes digitais. Nós precisamos pensar como podemos ter acesso às fontes, como analisá-las e como utilizá-las na escrita da história. Além disso, a reterritorialização das fontes e a prática dos historiadores estão em transformação, o que gera conflitos epistêmicos e de relações entre as gerações de historiadores da educação.

Em resumo, o ofício do historiador da educação na Era Digital implica em pensar as questões epistemológicas a partir do lugar da fonte histórica e da nova prática de explorar acervos digitais. É necessário considerar a reterritorialização das fontes e a dinamicidade do acesso e análise desses dados, assim como os conflitos epistêmicos e de relações entre as gerações de historiadores.

Muitas vezes pensamos que fazer pesquisa na era digital é apenas digitalizar e disponibilizar fontes. No entanto, a prática do historiador da educação com as fontes digitais é muito mais complexa do que isso. É importante considerar também as mudanças nas práticas de comunicação dos resultados das pesquisas e os limites do campo da história digital e das Humanidades Digitais. Infelizmente, muitas vezes limitamos nossa exploração das fontes digitais ao uso do índice, como um documento/monumento que nos fornece apenas um símbolo. É confortável para nós ter acesso a uma listagem de fontes com nomes e palavras-chave, mas isso não é suficiente para uma prática de pesquisa realmente significativa.

Então, ao explorar fontes, muitas vezes acreditamos que ter acesso a um conjunto digitalizado com índice resolve nossos problemas, mas isso é apenas a ponta do iceberg. Pois, precisamos considerar os metadados dessas fontes e quem os constrói, além da coleta de informações e as ferramentas utilizadas para análise e divulgação.

Estamos em um contexto de travessia epistêmica, no qual a Era Digital e as fontes digitais estão próximas de nós e a interdisciplinaridade é cada vez mais necessária para entender como construir e analisar essas fontes. É fundamental compreender como outras áreas do conhecimento podem contribuir para a prática do historiador com as fontes digitais.

A utilização de fontes digitais traz consigo novas possibilidades e desafios, como a necessidade de compreender a natureza dos dados que são gerados a partir dessas fontes e a importância dos metadados. É preciso pensar também na privacidade e segurança desses dados, uma vez que eles podem conter informações sensíveis e, refletir sobre a importância da produção e divulgação dos resultados das pesquisas realizadas com fontes digitais. Isso envolve questões como a escolha das ferramentas adequadas para análise e visualização dos dados, bem como a utilização de linguagem clara e acessível para apresentar esses resultados ao público.

Em suma, a utilização de fontes digitais na pesquisa histórica exige do historiador um olhar crítico e interdisciplinar, além da compreensão das ferramentas e técnicas necessárias para coletar, analisar e divulgar os resultados dessas pesquisas. Por tal, podemos considerar que vivemos um presente-futuro dos arquivos e isso impacta a operação historiográfica. Esse presente é um horizonte na prática e devemos considerar nossa relação com os arquivos no ciberespaço.

Os arquivos digitais são voláteis e podem desaparecer com o tempo, como já aconteceu com muitos de nós que pesquisamos uma fonte e voltamos meses ou anos depois e ela já não está mais disponível. Essa insegurança não existia nos acervos físicos e os arquivos digitais não garantem a permanência das informações.

Mas, qual é a relação entre arquivos físicos e digitais? Penso que seja a mais prática para nossa travessia, embora não seja fácil de resolver. É compreensível, embora não aceitável. Mas em relação à nossa relação com esses arquivos e fontes, surge a questão da crítica ao documento. Como fazer crítica a um documento digital? Como examinar a textura do papel? Como observar as variações na tinta da assinatura de uma ata? Nossa relação com as fontes digitais traz consigo a problemática da heurística e da crítica das fontes e dos documentos. Estamos enfrentando uma travessia epistêmica para construir protocolos adequados para lidar com esses desafios.

Recentemente, fiz análise do livro "História do ensino industrial no Brasil", do Celso Suckow da Fonseca,<sup>6</sup> e tive dificuldades em distinguir o tipo de papel e as características das fotografias, pois o arquivo/livro disponível era digital. Sem os metadados claros, tive que trabalhar com indícios e aproximações. Isso mostra a importância de construir protocolos para análise de documentos digitais e entender que a prática da história agora envolve a história digital. Mesmo sem a relação com fontes impressas, a análise das fontes digitais traz novos modos de fazer história e impacta na cultura material, exigindo novos elementos e linguagens

---

<sup>6</sup> Para acesso ao artigo na íntegra, acesse: <https://www.saiehe.org.ar/anuario/revista/article/view/271>

para análise. Não podemos nos afastar do contexto e do empreendimento de nossa relação com a fonte.

Portanto, é importante reconhecer que a história digital apresenta novos desafios para os historiadores na análise de fontes e documentos. Não é mais suficiente olhar apenas para os aspectos materiais dos documentos, mas sim considerar as particularidades dos arquivos digitais, tais como metadados, resolução e dimensão do arquivo. Além disso, a análise de documentos digitais requer novos protocolos e aproximações, bem como a compreensão da heurística e da crítica às fontes digitais. Mesmo assim, é importante não perder de vista o contexto histórico e a relação com a cultura material. A história digital apresenta novos modos de fazer história e é fundamental que os historiadores se adaptem a essas mudanças para que possam continuar a contribuir para a compreensão da história e do mundo em que vivemos.

No contexto da era digital, a prática da escrita da história da educação exige o desenvolvimento de novas habilidades e a utilização de novas ferramentas. Esse processo também gera um embate com a tradição e os estatutos epistêmicos da disciplina que foram estabelecidos no século dezenove. É importante reconhecer que a história digital não se limita a uma técnica, mas envolve teoria e método. Como pesquisadores, precisamos estar cientes de que estamos vivenciando uma viragem historiográfica, semelhante àquela vivenciada por Lucien Febvre e Marc Bloch na década de 1920.

Essa mudança também afeta o vocabulário utilizado na pesquisa histórica, já que passamos a considerar termos relacionados a bytes, resolução e filtros, por exemplo. Além disso, a história digital exige a construção de protocolos para análise de fontes e a utilização de novas ferramentas que nos permitam fazer parte de uma comunidade global de pesquisadores. É importante reconhecer que, nesse contexto, a análise da cultura material também muda, já que deixamos de considerar aspectos como a gramatura do papel e passamos a considerar outras linguagens e elementos.

Destarte, a história digital representa uma revolução historiográfica que exige o desenvolvimento de novas habilidades e a utilização de novas ferramentas. Além disso, é importante reconhecer que essa mudança gera um embate com a tradição e os estatutos epistêmicos da disciplina. No entanto, se estivermos cientes dessas mudanças e utilizarmos as ferramentas disponíveis de forma adequada, podemos nos tornar parte de uma comunidade global de pesquisadores e contribuir para a construção de uma história mais abrangente e inclusiva.



A oficina do historiador<sup>7</sup> situando-se entre o analógico e o digital não é para criar conjuntos separados, pois um não precisa subjugar o outro. Como Thomas Kuhn (1988) pensou sobre as revoluções científicas, estamos em um momento de incerteza, no qual problematizamos como a pesquisa e a escrita se dão entre o analógico e o digital. Uma maneira de fazer isso é através de uma separação entre a análise ou classificação racional e uma análise e classificação baseada em processamentos de linguagem. Isso ocorre quando catalogamos jornais do século XIX, por exemplo.

No entanto, com a era digital, temos uma quantidade enorme de dados disponíveis para serem analisados e categorizados, e muitas vezes isso é feito por meio de processamentos de linguagem e algoritmos, que podem trazer novas possibilidades e desafios para a pesquisa histórica. É importante, portanto, que os historiadores desenvolvam novas habilidades e se adaptem a essas novas ferramentas e métodos para poderem explorar plenamente o potencial da história digital.

Além disso, a história digital também nos leva a repensar as formas de comunicação e de disseminação do conhecimento histórico. Com a internet e as redes sociais, por exemplo, podemos atingir públicos muito mais amplos e diversos do que antes, e isso pode trazer desafios e oportunidades para a construção de narrativas históricas mais inclusivas e abrangentes. Por outro lado, também é importante ter em mente que as novas formas de comunicação e a facilidade de acesso à informação na internet também podem levar a disseminação de informações imprecisas ou mesmo falsas, o que torna o papel dos historiadores ainda mais importante na sociedade atual.

Assim, a história digital não é apenas uma mudança técnica, mas sim uma mudança epistemológica que nos desafia a repensar nossas práticas e métodos de pesquisa, bem como a forma como nos comunicamos e compartilhamos o conhecimento histórico. Com isto, é esperase que os historiadores estejam abertos a novas possibilidades e dispostos a experimentar novas abordagens, para que possamos continuar a produzir conhecimento histórico relevante e significativo para a sociedade.

## **Uma travessia epistêmica com e pelo digital**

Febvre e Bloch viveram uma virada epistêmica nos anos 20 do século XX, e hoje estamos vivenciando outra. Essa mudança não implica apenas em ferramentas, vocabulário e

---

<sup>7</sup> Concepção ancorada em: FURET, F. **A Oficina do Historiador**. Lisboa: Gradiva, 1990.



formas de comunicação diferentes, afetando o *métier* do historiador teóricos e metodológicos. Devemos pensar em para quem e com quem estamos escrevendo.

A oficina do historiador acontece agora na intersecção do analógico e do digital, sem a necessidade de criar conjuntos ou subconjuntos. Estamos em um movimento incerto, assim como Thomas Kuhn descreve as revoluções científicas. Nessa era digital, precisamos pensar em como fazer a pesquisa e a escrita entre o analógico e o digital. Muitas vezes, separamos as formas de análise e classificação racional das fontes baseadas em processamentos de linguagem. Ainda é necessária a análise histórica com sensibilidade e imaginação, mesmo com o auxílio de programas de softwares de pesquisa qualitativa.<sup>8</sup>

Por exemplo, ao baixarmos duas mil reportagens sobre a abertura de escolas femininas no Brasil do século XIX na Hemeroteca Digital Brasileira e utilizamos *softwares* de pesquisa, conseguimos realizar em um dia o que um historiador levaria um ano para fazer em termos de classificação racional.<sup>9</sup> No entanto, não podemos esquecer que ainda precisamos da análise histórica e da sensibilidade do historiador para interpretar os dados. Estamos em uma travessia epistêmica, e as evidências da história ainda exigem a imaginação e a sensibilidade do historiador, como destacou Carlo Ginzburg<sup>10</sup>. Portanto, embora tenhamos uma interface homem-máquina muito própria na Era Digital, ainda não é o fim da história (da educação) analógica, pelo contrário é um tempo-espaço para novas práticas e reflexões no que converge para a travessia epistêmica e demarcação de um novo campo a história digital (da educação).<sup>11</sup>

O historiador do presente-futuro é aquele que pratica a história digital.<sup>12</sup> Desde a década de 1960, Emmanuel Le Roy Ladurie (apud GLÉNISSON, 1977) já previa que "o historiador do amanhã será um programador, se não, não será",<sup>13</sup> indicando que o uso de ferramentas

---

<sup>8</sup> Sobre este aspecto, considerar, também, Ricoeur (2007, p. 185) quando aborda que "a semiologia indiciária exerceu seu papel de complemento, de controle, de corroboração em relação ao testemunho oral ou escrito, na medida mesma em que os signos que ela decifra não são de ordem verbal: impressões digitais, arquivos fotográficos e, hoje em dia, exames de DNA [...] 'testemunham' por seu mutismo."

<sup>9</sup> Sobre pesquisa histórica na Hemeroteca Digital Brasileira ver Azevedo, Pessoa e Medeiros Neta (2019) e Brasil e Nascimento (2020).

<sup>10</sup> Ginzburg (2002; 2004) em suas obras "Relações de força" e "Nenhuma Ilha é uma Ilha – quatro visões da literatura inglesa" chama a atenção para a erudição, a criatividade, a imaginação e o rigor para a análise das fontes, pois esta é um exercício de imaginação, de argumentação e de retórica.

<sup>11</sup> Sobre a história digital da educação cita-se Van Ruyskensvelde (2014) e Vidal (2022).

<sup>12</sup> Para mais reflexões sobre o tema ver: MEDEIROS NETA, O. M. de; DANTAS, L. R. S. O ofício do historiador na Era Digital: entre os desafios e as potencialidades produzidas pelas tecnologias digitais. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335597, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i3.5597. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5597>. Acesso em: 11 jan. 2023.

<sup>13</sup> Ladurie (apud GLÉNISSON, 1977, p. 455) ainda destacou que: "A história de base informática não chega somente a uma categoria de pesquisas bem determinadas. Ela desemboca também sobre a constituição de um "arquivo" uma vez posta em cartas perfuradas ou em fitas magnéticas, e após sua utilização por um primeiro

digitais seria uma parte essencial do ofício do historiador. Atualmente, a história digital é uma faceta constante da prática histórica, e os historiadores são como mineradores de dados, responsáveis por interpretar as fontes e fazer as conexões que os softwares não conseguem. Embora a história digital seja um horizonte para a prática histórica, ela já está presente na oficina do historiador e não pode mais ser ignorada.

Qual é o papel do historiador na Era Digital? Não se limita a explicar a ação como os historiadores do século XIX. O historiador da educação é necessário para mostrar a importância da história, em particular a história da educação, que está em desuso nos cursos de formação. O uso do digital não se limita à análise de fontes, mas também para comunicar o que os historiadores fazem e por que é importante. Julio Aróstegui, em "A pesquisa histórica", reconhece que as fontes são fundamentais para a história e para a história da educação. A ampliação do conceito e da concepção de fonte no século XX está mudando e evoluindo.

Aróstegui (2006) reconheceu o avanço historiográfico e ampliação do conceito de fonte. Essa relação com o digital traz para a escrita da história da educação a perspectiva da intertextualidade, com diversas possibilidades de caminhos para análise de fontes digitais. Porém, essa ampliação também traz desafios para a interpretação e registro, especialmente em relação aos metadados. É importante ficar atento ao registro das fontes digitais que consumimos ou produzimos, bem como à dispersão dessas fontes na internet. A Hemeroteca Digital é um exemplo de organização de fontes digitais, mas nem todas estão estruturadas dessa forma, o que pode dificultar a análise e interpretação.

Além da hipertextualidade e da interpretação, a perspectiva da interação é um aspecto importante a ser considerado ao analisar fontes digitais. Algumas fontes são nativas digitais, enquanto outras são digitalizadas e possuem um perfil específico. É preciso levar em conta as diferenças entre analisar um caderno digitalizado e um blog que nasceu digital.

A taxonomia<sup>14</sup> proposta por Aróstegui em "A pesquisa histórica" pode ser aplicada a fontes digitais, levando em consideração aspectos como a origem, criação e formato das fontes. A taxonomia pode incluir a organização das fontes digitais, bem como o tratamento dado a elas e as instituições responsáveis por sua produção. É importante pensar no formato da fonte digital

---

historiador, os dados podem, com efeito, ser estocados e isto na intenção de futuros pesquisadores, desejosos de obter correlações inéditas.”

<sup>14</sup> Os critérios taxonômicos apresentados por Arostegui (2006) são: Posicional (fontes diretas ou indiretas), Intencional (fontes voluntárias ou não voluntárias), Qualitativo (fontes materiais ou culturais), Formal-quantitativo (fontes seriadas ou não seriadas e não seriadas). Essa taxonomia permitiria uma variação, antes formal, que atenderia à posição, à intenção, à informação quantitativa e à informação qualitativa. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 493).

utilizada, seja um arquivo PDF, JPEG, página digital, portal ou rede social. Em resumo, é necessário considerar vários aspectos para categorizar e analisar fontes digitais de maneira eficaz.

Com esses quatro elementos listados, podemos situar o tipo de fonte digital que utilizamos em nossos trabalhos. Concordamos que vivemos na Era Digital e que o digital já faz parte de nossas vidas diárias. Utilizamos editores de texto, e-mails e drives para nossas atividades. Além disso, a história digital está em transformação, e nós devemos enfrentar essa mudança. Já fazemos registros digitais e disponibilizamos nosso conhecimento de forma digital, incluindo revistas, teses e dissertações. Além disso, fazemos uso de novas tecnologias, como aplicativos para digitalizar fontes e software para análise léxica de documentos. Se considerarmos tudo isso, seria anacrônico ignorar que o digital já faz parte de nossa prática e pesquisa, bem como a revolução documental que vivemos na Era Digital.

As fontes digitais oferecem a oportunidade de utilizarmos diversas ferramentas para análise, embora isso possa gerar problemas de interpretação, que exigem conhecimento sobre o meio e o processamento das fontes. Além disso, outro aspecto importante das fontes digitais é o volume de informação disponível. Embora antes nos queixássemos da falta de fontes, agora temos tantas opções que podemos enfrentar problemas semelhantes. Portanto, é importante reconhecer as possibilidades e desafios que as fontes digitais oferecem para a representação do passado.

## **A guisa de conclusão**

A história (da educação) não deve ser/estar limitada à academia, mas deve ser compartilhada com quem tiver interesse em consumi-la. Documentários, exposições virtuais e podcasts são apenas algumas formas de tornar o conhecimento acessível ao público em geral. O uso de fontes digitais na história da educação traz a possibilidade de torná-la pública, em vez de limitá-la a uma comunidade específica de pesquisadores.

No entanto, isso requer não apenas alfabetização digital, mas também colaboração e interdisciplinaridade. Esses dois elementos são essenciais para escrever a história da educação na Era Digital e construir outras formas de conhecimento, bem como outras condições de difusão desse conhecimento. A história da educação agora deve envolver outras disciplinas para expandir as possibilidades de conhecimento e difusão desse conhecimento.

A história digital e o uso das fontes digitais têm seus perigos, mas também têm possibilidades. O maior enfrentamento é a travessia epistemológica que representa à prática e à escrita da história (da educação). Apesar do grande volume de dados, a relação da história da educação com a história digital traz mudanças em nossa forma de ler e escrever. Pois, as fontes estão disponíveis em formatos variados, do físico ao digital, o que representa uma mudança significativa em nossa oficina da história. Assim, se estamos em uma travessia epistêmica é mister discutirmos sobre tais mudanças.

Por fim, é importante destacar que a história da educação na interface com a história digital e o uso de fontes digitais não é uma ameaça para a tradição da história, mas sim uma oportunidade para a renovação da disciplina. A mudança que está ocorrendo em nossa forma de ler, escrever e acessar fontes é um desafio que exige adaptação, mas também traz inúmeras possibilidades de avanço e ampliação do conhecimento.

Assim, a história digital e o uso de acervos e fontes digitais trazem desafios e oportunidades para a escrita da história (da educação), um desses desafios é a alfabetização digital com vistas à utilização de novas ferramentas digitais à pesquisa histórica. Além disso, a colaboração e a interdisciplinaridade são elementos fundamentais para a construção de novos conhecimentos e para a difusão destes.

A travessia epistemológica que está em curso exige adaptação, mas também oferece novas possibilidades para o avanço do campo de pesquisa e da disciplina da história (da educação).

#### **Referências:**

- ARÓSTEGUI, Júlio. **A Pesquisa Histórica**. Bauru: EDUSC, 2006.
- AZEVEDO, Laís Paula de Medeiros Campos; PESSOA, Lígia Silvia; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. A Hemeroteca Digital Brasileira: Fontes e possibilidades para a pesquisa em história da educação. **Cenas Educacionais**, v. 2, p. 39-55, 2019.
- BARROS, José D. Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion/Unilasalle, Canoas**, n. 12, 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196–219, 1 jan. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942020000100011>. Acesso em: 12 set. 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. In *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- EIROA, Matilde. El pasado en el presente: el conocimiento historiográfico en las fuentes digitales. **Ayer: Revista de Historia Contemporánea**, v. 110, n. 2, 2018.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1985.

- FURET, François. **A Oficina do Historiador**. Lisboa: Gradiva, 1990.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **Nenhuma Ilha é uma Ilha** – quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- GLÉNISSON, Jean. Uma história entre duas erudições-notas sobre algumas práticas e alguns dogmas da atual historiografia francesa. **Revista de História**, v. 55, n. 110, p. 433-462, 1977.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1998.
- LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da; NICODEMO, Thiago Lima. Nunca fomos tão úteis. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.
- MEDEIROS NETA, O. M. de; DANTAS, L. R. S. . O ofício do historiador na Era Digital: entre os desafios e as potencialidades produzidas pelas tecnologias digitais. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335597, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i3.5597. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5597>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- MEDEIROS NETA, Olivia Morais de; CIAVATTA, Maria. Da ilustração à história de educação profissional: o uso de imagens no livro História do ensino industrial no Brasil. **Historia de la Educación. Anuario**, v. 23, n. 2, 2022.
- NOIRET, Serge. História Pública Digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.
- SALMI, Hannu. **What is Digital History?** 1. ed. Cambridge: Polity, 2020.
- VAN RUYSKENSVELDE, Sarah. Towards a history of e-ducation? Exploring the possibilities of digital humanities for the history of education. **Paedagogica historica**, v. 50, n. 6, p. 861-870, 2014.
- VIDAL, Diana. Humanidades digitais e cultura material (escolar). **History of Education in Latin America - HistELA**, [S. l.], v. 5, p. e30136, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/30136>. Acesso em: 11 fev. 2023.

## **SOBRE A AUTORA**

Olivia Morais de Medeiros Neta. Possui doutorado em Educação, mestrado em História e graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista Produtividade em Pesquisa - PQ 2/CNPq. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atua como professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Contribuição de autoria: Estruturação e escrita do texto - <https://lattes.cnpq.br/7542482401254815>

## **Como citar este artigo**

MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. Travessia epistêmica: o digital e transformações no ofício do historiador (da educação). **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e12130, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.12130>